

COL. SILVA VIEIRA



TRADIÇÕES  
PORTUGUESAS DE  
ORIGEM  
POSSIVELMENTE  
MUÇULMANA

-8

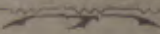
Municipal  
Biblioteca



SIV-8



Coleção «Silva Vieira»



# Tradições portuguesas

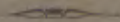
DE ORIGEM

POSSIVELMENTE MUÇULMANA

POR

*J. A. Pires de Lima*

Professor da Faculdade de Medicina do Porto



2.<sup>a</sup> edição de uma separata da

«Revista de Guimarães»

1922

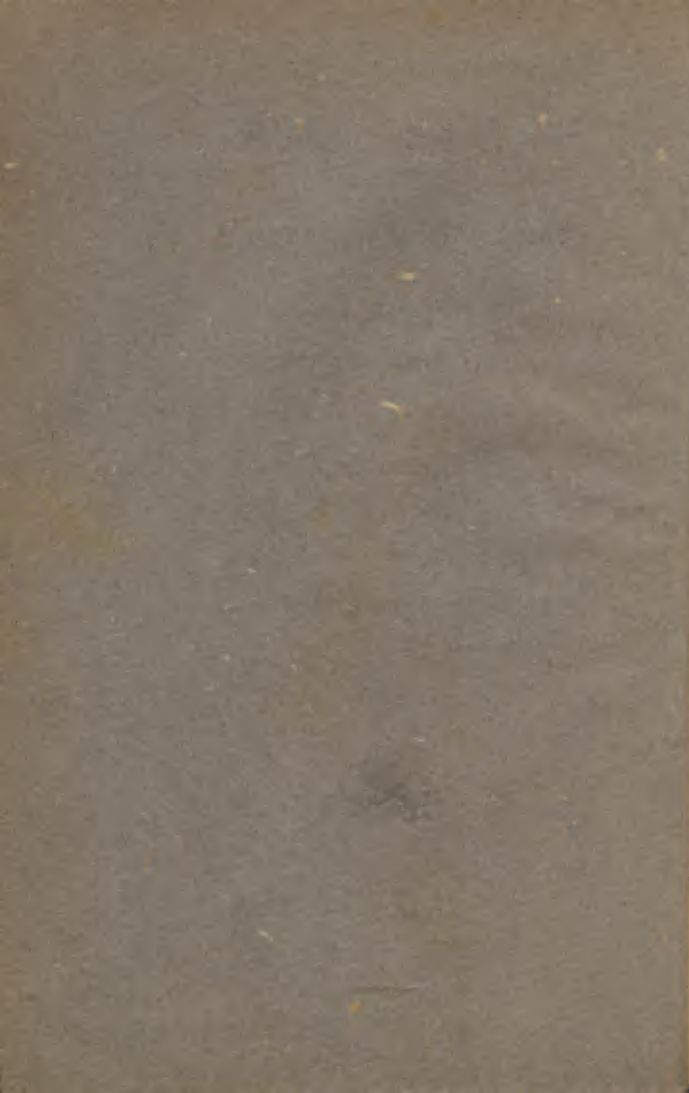


ESPOZENDE

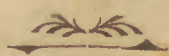
Livraria Espozendeense

Editora

1925



Q2E41



---

Tradições portuguesas

---



INDEXES PORTUGUAIS



Collecção «Silva Vieira»

Tradições portuguesas

DE ORIGEM

POSSIVELMENTE MUÇULMANA

POR

*J. A. Pires de Lima*

Professor da Faculdade de Medicina do Porto

2.<sup>a</sup> edição de uma separata da

«Revista de Guimarães»

1922



ESPOSENDE

Livraria Esposendense

Editora

1925

Collegio di Scienze e Lettere  
di Padova  
Biblioteca di Scienze e Lettere

1760

1760

1760

1760

1760



1760

A religião muçulmana, pregada por Maomé em princípios do século VII da nossa era, teve tão rápida e tão ampla expansão que, cem anos depois, a Península Hispânica era invadida pelos Sarracenos. O território que hoje constitui Portugal esteve 500 anos sob o seu domínio, e só no fim do século XV, após a conquista de Granada, é que o poderio muçulmano acabou de vez na Península.

Durante esse longo periodo, Cristãos e Mouros não estavam completamente separados. Em território do

Califado viviam numerosos Mosárabes, mantendo a sua crença cristã; muitas vezes se celebraram alianças entre chefes cristãos e mouros, e, depois da reconquista, muitos Muçulmanos ficaram vivendo ao lado dos Cristãos, conservando as suas crenças e costumes.

No povo português, mesmo nas mais humildes camadas, persistem vivas tradições relativas aos Mouros.

O elemento sarraceno tem considerável importância na constituição do povo português. Teem-se estudado os vestígios da língua árabe no nosso vocabulário, mas parece-me que não se teem confrontado devidamente as lendas e as superstições portuguesas com as dos nossos vizinhos de Marrocos.

Pela leitura que fiz do Alcorão, convenci-me que o Islamismo exerceu no povo português uma influência maior do que geralmente se supõe.

Neste trabalho vou comparar certas lendas e tradições portuguesas com passos semelhantes do Livro Santo dos Arabes. Parece-me que, ao menos algumas daquelas, deverão

ter sido criadas por influência islamítica.

I—*Auxílio celeste em batalhas*—  
No período heróico da nossa história, por vezes o êxito dos combates era atribuído a um auxílio do Céu. A batalha do Salado (1340) terminou por uma tão espantosa derrota dos Muçulmanos, que alguns historiadores levaram o caso á conta de milagre. Pedro de Mariz (1) recolhe a versão de terem morrido duzentos ou até quatrocentos mil infiéis, ao passo que, da parte dos Cristãos, apenas haveria vinte e cinco mortes. O facto dar-se ia, refere Mariz, «porque affirmáraõ logo os Mouros, que contra elles se mostrou vencedora huma grande companhia de homens divinos, fazendo nelles muito estrago, em favor dos christãos.»

A análoga intervenção se attribuirá já a tomada de Alcácer (1217). Da emocionante narração de Herculano (2) transcrevo os seguintes pe-

---

(1) *Pedro de Mariz*—Dialogo de varia historia, 1, Lisboa M. DCC. XLIX.

(2) *A. Herculano*—Historia de Portugal—Septima edição, 1915, T. IV, pág. 90 e 91.

riodos: «O reflexo metallico das armas e armaduras ia bater nos olhos dos infiéis e dava ao pequeno exercito portuguez uma apparencia que lhe acrescentava as dimensões. Ou fosse effeito do mesmo reflexo dos ferros pulidos e dos dourados escudos que multiplicavam a torrente da luz oriental ou fosse o excitamento religioso, capaz de hallucinar ainda outra vez os espiritos, os combatentes, ao travarem-se com os mussulmanos, creram ver no ar um tropel de cavalleiros vestidos como os templarios que tambem feriam os inimigos.»

«Perseguidos por espaço de dez milhas pelos chistãos, tres dias durou a carnificina, e dous walis, o de Cordova e o de Jaen, ficaram entre os mortos. O calculo que destes se fez montava de quatorze a quinze mil, afóra um sem numero de prisioneiros, os quaes, ou para lisongearem seus senhores ou para se desculparem perante a propria consciencia de tão vergonhosa róta, ouvindo falar do auxilio dado aos christãos pelos cavalleiros aërios, asseveraram tê-los igualmente visto e experimentado a sua furia, o que não podia deixar de

fortalecer a fé viva da soldadesca na decisiva protecção divina.»

Este auxílio divino á expansão do Reino de Portugal é deveras comparável ao que receberia Maomé na batalha de Bedr, contra os Coreichitas (624); em socorro da nascente religião enviou Deus um exército de anjos, conduzidos pelo Anjo Gabriel (1)

II— *Oração antes do combate*— Ao romper a batalha de Bedr (2), Maomé estava numa cabana dirigindo preces fervorosas a Deus. Só quando a acção se generalizou, é que o Profeta saiu da cabana, juntando-se ás tropas, que venceram o inimigo.

E' parecida a attitude de Maomé com a do nosso Santo Condestável na batalha de Valverde.

Diz a crónica (3): «e elle se pos em giolhos antre huás pedras a resar e a louvar a Deos como era seu costume. E estando asy rezado por-

(1) Le Koran trad. nouv. faite sur le texte arabe par K. Simirski, Paris 1873—pág. XVIII; III, 11 e nota 2; III, 118-121 e nota; 137 nota 2; VIII, 6 nota 2, e 9; IX, 26.

(2) *Idem.*

(3) Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvares Pereira, ed. de Mendes dos Remedios, Coimbra 1911—Cap. LIV.

q as pedras e as setas eram muytas q vinhã da parte dos castellaños toda a gente sua lhe braadauua que fezesse andar por diãte sua bandeira nõ os leixasse asy morrer: e ajnda da riguarda veeo a elle Gõçalleães d'Abreu que em ella hya cõ o prior do Spitrall a lhe pidyr por merceo que fezesse andar a bandeyra que a gente nom podia mays soffrer. A todas estas cousas o Condeestabre nom respondya: nẽ nenhũa mudãça ante mostrava o mayor asessego do mudo: e sem nenhuũ cuydado: e todauia entento em rezar e louuar a Deos. E tanto q acabou de rezar: logo rrijamente se aleuantou donde estaua em giolhos com gesto muy ledõ. E mandou logo a Diego Gill seu alferez que andasse com a bandeyra e aas gentes dabêgarda que andasse rrijamente. E elle foy sempre ante a bandeyra».

III—*O Monge e o Passarinho*—  
Muito divulgada está na nossa litteratura a graciosa lenda — «O Monge e o Passarinho», de que tiraram tanto partido, entre outros, o P.<sup>o</sup> Manuel Bernardes e recentemente Fugé-



nio de Castro, Correia de Oliveira e Lopes Vieira (Ilhas de Bruma) (1).

Sobre a origem dessa lenda appareceram, não há muito, dois eruditos estudos, dos Srs. Professores Leite de Vasconcelos (2) e José J. Nunes (3). Enquanto que êste último a considera de origem medieval, o Sr. Prof. L. de Vasconcelos julga-a derivada da «Lenda dos Sete Dormentes», attribuindo-lhe uma filiação muito mais remota, e dizendo que ella nasceu «entre os seccos areas dos desertos da Asia».

Ambos os trabalhos são abonados em rica bibliografia que, aliás, não é completa. Não vejo em qualquer desses trabalhos citada a poesia de Wolfgang Müller (O Monge de Heisterbach), nem a versão sueca mencionada no *Magasin Pittores-*

(1) Este caso passar-se-ia no Convento de Vilar (Barcelos). V. *Gomes Pereira*—Trad. Pop., linguagem e toponimia de Barcelos—Esnozende 1916.

(2) *Leite de Vasconcelos*—Poesia e Ethnographia (*Revista Lusitana*, VIII, 1903-1905).

(3) *José Joaquim Nunes*—Uma lenda medieval—O Monge e o passarinho (Academia das Sciencias de Lisboa—*Boletim da Segunda Classe*, XII, 1919).

que de 1852, pag. 177.

Tambem nenhum daqueles illustres investigadores cita o Alcorão, que em mais de uma passagem se refere aos Sete Dormentes, ou a outras lendas semelhantes (1). O capitulo XVIII do livro sagrado dos Muculmanos intitula-se «A Caverna», por se referir ao lugar onde estacionaram os Sete Dormentes de Efeso.

Acêrca dêsse longo e misterioso sono foi um dia interrogado Maomé, que prometeu responder no dia seguinte. Deixou, porém, de dizer— «se Deus quiser!». Como castigo por êste esquecimento, a revelação fêz-se esperar alguns dias. E' por isso que o Alcorão (XVIII, 23) aconselha— «Nunca digas—Farei tal coisa amanhã—sem acrescentar—se fôr vontade de Deus.» (2)

E' curioso confrontar êste passo com o modo de falar da gente do Minho. Conheço muitas pessoas, profundamente crentes, que nunca annunciam qualquer acto que tenham

(1) Alcorão, ed. cit., II, 203; IX, 30, nota 3; XVIII, *passim*.

(2) Confronte-se êste passo com o Novo Testamento, Epistola de S. Tiago, IV, 13-16.

de praticar, por mais banal que se-  
ja, sem acrescentarem: «Se Deus  
quiser. . .». Uma simples despedida  
—Até logo, até amanhã, até outra  
vez,» é invariavelmente seguida a  
frase: «Se Deus quiser. . .».

IV—*Dama pé de cabra*—Ao No-  
biliário do Conde D. Pedro foi Her-  
culano buscar os principais elemen-  
tos para elaboração da sua lenda da  
Dama pé-de-cabra. Como já tive  
ensejo de dizer (1), encontrei uma  
variante manuscrita dessa lenda. É  
a história de Maria Alva, que vivia  
numa torre que existiu na vila de  
Marialva. Era uma mulher «muito  
fermosa e tinha pés de cabra, e  
chamava os homens e dormia có el-  
les e depois os lácava em hú poço  
porq' lhe não descobrisse os defeitos  
dos pés. E entrando hí a embebe-  
dou, e lhe tomou hú anel e se veo  
có elle e mostrando o aos guardas o  
deixaráo sahir (porq' lhes tinha ella  
dado ordé que não deixassem sahir

---

(1) J. A. Pires de Lima—A Ectrodactilia  
na lenda (*Arg. de História da Medicina Por-  
tuguesa*, N.º 3 de 1919).

senão que lhe mostrasse o d.<sup>o</sup> anel).  
E achando ella o anel menos sabio  
sobre as ameaças e lhe disse

Já tu lá vas?  
De q' agora te íres gabar?

E elle respondeo

A quantos eu vir e achar.

e ella lhe disse

Pois olha p.<sup>a</sup> tras  
q' de mim verás  
mas pezar

E se lançou da Torre abaixo e  
morreu. >

Segundo se depreende do Alco-  
nãõ (1), a Rainha de Sabá seria re-  
cebida por Salomão num palácio  
com pavimento de cristal. Quando a  
Rainha entrou, levantou os vestidos,  
para evitar que elles se molhassem,  
pois supôs que o aposento estava  
inundado de água. Foi por meio  
dêste ardil que Salomão verificou  
que as suas pernas não eram de ca-  
beça, como constava.

---

(1) Ed. cit., XXVII, 44 e Nota 2.

Esta lenda é assim belamente expressa por Eugénio de Castro (1): «Foi para a sala do norte, cujo pavimento é de prata polida, e mandou chamar Belkiss. Assim que esta appareceu o Rei olhou para o chão e, em vez de dois pés caprinos, de feiticeira, viu dois pés de pisar flores, espelhados no chão. . . » (2)

V—*As Têmporas de Santa Luzia*—O povo do Minho acredita que, no fim do mês de Dezembro, se pode fazer um prognóstico do estado do tempo no futuro ano. As «Sortes» ou «Têmporas de Santa Luzia» tiram-se d'este modo:—Verifica-se no dia 13 de Dezembro qual o estado do tempo; assim como elle estiver,

---

(1) *Eugenio de Castro*—Belkiss, Rainha de Sabá, d'Axum e do Hymiar.

(2) No célebre quadro de Rubens «Ninfas de Diana surpreendidas por satyros», conservado em Madrid no Museu do Prado, os satyros apresentam pés de cabra.

Santo Isidoro de Sevilha fala tambem dos satyros que tem os pés semelhantes aos das cabras.

Cf. *J. A. Pires de Lima*—A teratologia nas tradições populares (*Arch. de Historia da Medicina Portuguesa*, 1921).

sêco, húmido ou ventoso, assim correrá o mês de Janeiro do ano seguinte. O estado meteorológico do dia 14 de Dezembro anunciará o tempo de Fevereiro, e assim por diante até ao dia 24 de Dezembro, cujo estado atmosférico indicará o mês de Dezembro do novo ano (1).

Esta superstição está muito arreigada no povo do Minho. Conheço um proprietário que não se esquece de anotar todos os anos o estado do tempo nas «Têmporas de Santa Luzia». Por sinal que no último ano agrícola sofreu uma decepção muito grande, porque, fiado no prognóstico, orientou de tal modo a sementeira do milho, que teve considerável prejuizo.

Não terá esta crença popular origem muçulmana?

Na noite de 23 para 24 de Ramadan ficará determinado tudo quanto há-de acontecer no ano se-

---

(1) *A. C. Pires de Lima*—Tradições populares de Santo Tirso, 2.<sup>a</sup> Série (*Revista Lusitana*, XX).

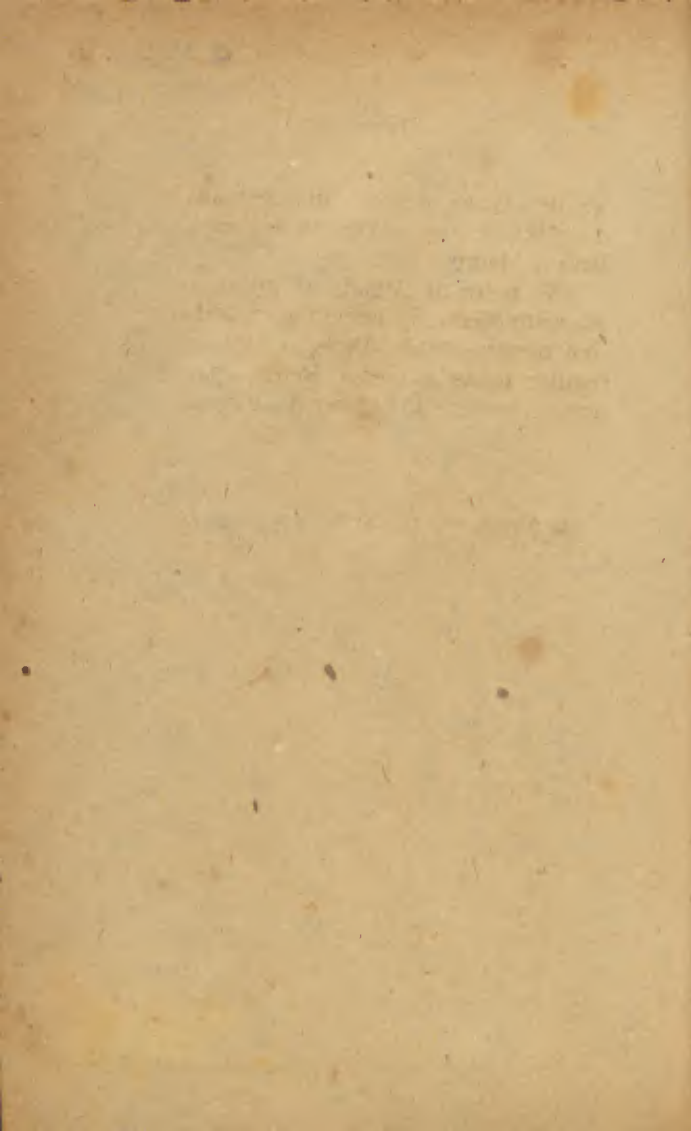
—Cl. «*Thesouro de Prudentes*». Ed. de 1700. Trat. segundo, cap. I, pag. 106.

guinte (1): foi nessa noite, chamada de Alkadr, que o Alcorão foi revelado a Maomé.

Na noite de Alkadr os anjos e o Espírito (Gabriel) descem ao mundo com permissão de Deus, a fim de regular todas as coisas. Reina a paz nesta noite até ao romper da aurora.

---

(2) Alcorão, ed. cit., XLIV, 2, 3 e nota 5; XCVII, 1 a 5 e Nota 4.















Bibliography  
Manual